

ticas de cerca de 60 anos. Elas foram responsáveis, a título de exemplo, por um período de aquecimento (1850-1880) seguido por um de resfriamento (1880-1910), por outro de aquecimento (1910-40), por mais um resfriamento (1940-70) e por um novo período de aquecimento (1970-2000), semelhante ao observado 60 anos antes. Os anos seguintes (2000-2019) testemunharam não o aumento previsto pelos modelos de cerca de 0,2 graus centígrados por década, mas sim uma substancial estabilidade climática esporadicamente interrompida pelas rápidas oscilações naturais do Oceano Pacífico equatorial, conhecidas como Oscilações Meridionais El Niño, como a que levou ao aquecimento momentâneo entre 2015 e 2016.

Os órgãos de informação também afirmam que os eventos extremos, como furacões e ciclones, têm aumentado de modo preocupante. Esses eventos, como muitos sistemas climáticos, são modulados pelo já mencionado ciclo de 60 anos. Se considerarmos, por exemplo, os dados oficiais desde 1880 sobre os ciclones atlânticos tropicais que atingiram a América do Norte, percebe-se neles uma forte oscilação de 60 anos, correlacionada com a oscilação térmica do Oceano Atlântico denominada Oscilação Multidecadal Atlântica. Os picos observados por década são compatíveis entre si nos anos 1880-90, 1940-50 e 1995-2005. De 2005 a 2015, o número de ciclones diminuiu seguindo precisamente o ciclo supracitado. Logo, no período 1880-2015, não há correlação alguma entre o número de ciclones (que oscila) e o CO₂ (que aumenta monotonicamente).

O sistema climático ainda não é compreendido suficientemente. Mesmo sendo verdade que o CO₂ é um gás de efeito estufa, o próprio IPCC observa que a sensibilidade climática ao seu aumento na atmosfera ainda é extremamente incerta. Estima-se que dobrar a concentração de CO₂ atmosférico dos cerca de 300 ppm da era pré-industrial para 600 ppm possa elevar a temperatura média do planeta de um mínimo de 1 grau centígrado para um máximo de 5 graus centígrados. Esta incerteza é enorme. Em todo caso, muitos estudos recentes baseados em dados experimentais estimam que a sensibilidade climática ao CO₂ seja notavelmente mais baixa que a estimada pelos modelos IPCC.

Por conseguinte, não é cientificamente realista atribuir ao homem a responsabilidade pelo aquecimento observado a partir do século passado até hoje. As previsões alarmistas que foram aventadas, portanto, não são credíveis, por se basearem em modelos cujos resultados estão em contradição com os dados experimentais. Todas as evidências sugerem que esses modelos super estimam a contribuição antrópica e subestimam a variabilidade climática natural, especialmente a que é induzida pelo sol, pela lua e pelas oscilações oceânicas.

Finalmente, os meios de comunicação social divulgam a mensagem de que, no tocante à causa humana da actual mudança climática, haveria um quase unânime consenso entre os cientistas e que, portanto, o debate científico estaria encerrado. No entanto, é preciso que se esteja ciente, antes de tudo, que o método científico impõe que sejam os fatos, e não o número de adeptos, que leve uma conjectura a se tornar uma teoria científica consolidada.

Como quer que seja, o suposto consenso não subsiste. Há uma notável variabilidade de opiniões entre os especialistas – climatologistas, meteorologistas, geólogos, geofísicos, astrofísicos –, muitos dos quais reconhecem uma contribuição natural relevante para o aquecimento global observado a partir do período pré-industrial e também do pós-guerra até hoje.

Houve ainda petições subscritas por milhares de cientistas que expressaram discordância quanto à conjectura do aquecimento global antrópico. Entre elas, recordam-se a que foi promovida em 2007 pelo físico F. Seitz, ex-presidente da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos, e a promovida pelo Painel Internacional Não-Governamental sobre Mudança Climática (NIPCC), cujo relatório de 2009 conclui que “a natureza, e não a actividade do homem, é que governa o clima”.

Em conclusão, dada a crucial importância dos combustíveis fósseis para o fornecimento energético à humanidade, sugerimos não aderir a políticas de redução crítica da emissão de dióxido de carbono na atmosfera com a ilusória pretensão de governar o clima.”

Comité Promotor

1. Uberto Crescenti, Professor Emérito de Geologia Aplicada, Universidade G. D’Annunzio, Chieti-Pescara, ex-Reitor e Presidente da Sociedade Geológica Italiana.

2. Giuliano Panza, professor de sismologia, Universidade de Trieste, Académico dos Lincei e da Academia Nacional de Ciências, conhecida como dos XL, Prémio Internacional 2018 da American Geophysical Union.

3. Alberto Prestinini, Professor de Geologia Aplicada, Universidade La Sapienza, Roma, ex-Editor-Chefe Científico da revista internacional IJEGE e Diretor do Centro de Pesquisa de Previsão e Controle de Riscos Geológicos.

4. Franco Prodi, Professor de Física da Atmosfera, Universidade de Ferrara.

5. Franco Battaglia, Professor de Química Física, Universidade de Modena; Movimento Galileo 2001.

6. Mario Giaccio, Professor de Tecnologia e Economia de Fontes de Energia, Universidade G. D’Annunzio, Chieti-Pescara, ex-Reitor da Faculdade de Economia.

7. Enrico Miccadei, Professor de Geografia Física e Geomorfologia, Universidade G. D’Annunzio, Chieti-Pescara

8. Nicola Scafetta, Professora de Física Atmosférica e Oceanografia, Universidade Federico II, Nápoles.

O negócio do clima a Amazónia e os Açores



Víctor Hugo Forjaz
Vulcanólogo
Catedrático Jubilado

1 – Todas as semanas a internet é inundada pelas mais diversas petições e opiniões climatológicas. Em maioria são catastrofistas e é de aguardar um incremento dessa facção.

É bem mais fácil meter medo do que tomar posições bem pensadas e bem posicionadas. Esta introdução visa chamar a atenção para uma recentíssima PETIÇÃO SOBRE O AQUECIMENTO GLOBAL ANTRÓPICO, assinada por 92 cientistas de renome, alguns do meu relacionamento, consultável, na “La Nuova Bussola Quotidiana”, um “média” de grande respeitabilidade.

E evidencio este facto porque se a actual Universidade dos Açores me condenou, decerto por vingança e inveja reitorais, a ficar sem gabinete e sem acesso a revistas e contactos que ali estabeleci durante décadas de ensino e de investigação, enganou-se. Fui posto na rua mas no exterior continuo a trabalhar e a estabelecer as ligações, velhas ou novas, que me garantem manter-me actualizado e opinativo.

2 – A citada e interessante petição, assinada por diversas personalidades, desde reitores jubilados a consagrados investigadores seniores, pede que não se adira à redução acrítica de emissão de CO₂, um gás essencial à vida (quando não excessivo, claro).

Trata-se de um texto para ler diversas vezes e que dá para pensar. Os signatários são entidades que conhecem bem os ciclos geológicos, a importância do sol e da lua na Terra, que trabalham em riscos e em planeamento eque também conhecem os grandes negócios do clima e das alterações climáticas.

3 – O clima está a mudar? Não é preciso ser especialista (basta obter uma cultura geral e ler o que é devido) para se entender que algo vem mudando. Mas se o tema for bem escalpelizado, decerto se concluirá que o mal não é apenas antrópico, de origem humana.

No caso da minha profissão (geólogo / vulcanólogo) a ilha de Santa Maria é um bom exemplo dessas alterações – subidas e descidas do nível do oceano ao longo de milénios recentes, alterações das rochas em consequência do tipo de clima envolvente, aglomerados de fósseis provando matanças por bruscas alterações ambientais.

A ilha de São Miguel e a ilha Terceira são outro casos que pouco se estudam porque o Departamento de Geociências evaporou-se, os peritos não vão para o campo, sendo mais cómodo “ouvir” o que dizem os computadores que tanto encantam os políticos que ali se deslocam. Agora a moda universitária local, além de um curso de protecção civil que vai parando desempregados todos os anos, é o SIVISA e o IVAR estruturas igualzinhas, com os mesmos “habitantes”, e que o povo na verdade desconhece. Temos, como exemplo recente, a nova fumarola das Furnas – oficialmente nem uma análise mandada aos jornais, nem uma explicação do fenómeno, nada, mesmo nada!

4 – O clima está a mudar porque sempre mudou. Como diz o grupo italiano, que não exista a “ilusória pretensão de governar o clima” (Julho de 2019, Roma). O que a civilização actual tem feito consiste em interferir com essas mudanças naturais acelerando-as numas regiões e modificando-as noutras.

O clima está a mudar nos Açores? Claro! Trabalho na geologia das ilhas desde os anos 60. Então eram ilhas amazónicas, algumas luxuriantes. Nas terras altas do Pico e de São Miguel cheirava-se o odor dos cedros. Agora cheiram as bostas de vaca e os detritos dos turistas baratucho. Porque a ganância e a ausência de planeamento tomaram conta destas ilhas.

Acompanhei as comissões de planeamentos destas ilhas e tornei-me ambientalista moderado. Recordo-me das lutas para rodear a lagoa do Fogo de decreto pró natura – foi uma luta tenebrosa e venceram, parcialmente, os proteccionismos da velha guarda. Mas creio que esse “élan” de regresso ao paisagismo original, nossa verdadeira riqueza – e que nada tem com o fundo dos mares, outro bluff mediático – mais dia menos dia será oncológicamente corrompido. Calculem que em vez de dificultarem o acesso à mítica Lagoa do Fogo os bombeiros querem um barco lá dentro para socorrerem gente imprudente! Para passeatas em barquinho eléctrico.

5 – Nos Açores as causas ambientais andam mal. Porque só vinga o que é oficial. O que é desastroso, não há diálogo e eu que o diga. Só falta a srª universidade proibir bifes na cantina pois tem um protocolo com a afamada Coimbra... que não quer vitamina B12 nos seus menus. Os grupos ambientalistas exagerados agora dedicam-se a negócios e não a causasEstamos tramados como o está a Amazónia.

Setembro de 2019

Adenda: Caro Professor Prestinini – fiz o que prometi, ou seja, divulgar o vosso apelo com o qual concordo mas não na totalidade. Não se aplica a ilhas perdidas no meio do oceano.